


A função da criação literária como tema em *O cemitério dos vivos* de Lima Barreto e *Diário de Bitita* de Carolina Maria de Jesus

The Function of Literary Creation as a Theme in O Cemitério dos Vivos by Lima Barreto and Diário Bitita by Carolina Maria de Jesus

Autoria: Raul Almeida dos Santos

 <https://orcid.org/0000-0002-2580-3737>

DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2021.180544>

URL do artigo: <http://www.revistas.usp.br/opiniaes/article/view/180544>

Recebido em: 03/01/2021. Aprovado em: 26/06/2021.

Opiniões – Revista dos Alunos de Literatura Brasileira


São Paulo, Ano 10, n. 18, jan.-jul., 2021.

E-ISSN: 2525-8133

Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

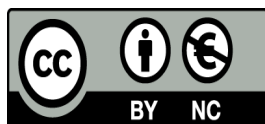
Universidade de São Paulo.

Website: <http://www.revistas.usp.br/opiniaes>.  [fb.com/opiniaes](https://www.facebook.com/opiniaes)

Como citar (ABNT)

SANTOS, Raul Almeida dos. A função da criação literária como tema em *O Cemitério dos Vivos* de Lima Barreto e *Diário de Bitita* de Carolina Maria de Jesus. *Opiniões*, São Paulo, n. 18, p. 116-131, 2021. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2021.180544>. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/opiniaes/article/view/180544>.

Licença Creative Commons (CC) de atribuição (BY) não-comercial (NC)



Os licenciados têm o direito de copiar, distribuir, exibir e executar a obra e fazer trabalhos derivados dela, conquanto que deem créditos devidos ao autor ou licenciador, na maneira especificada por estes e que sejam para fins não-comerciais

a função da
criaçãoliterária
como tema em
O Cemitério dos Vivos
de Lima Barreto e
Diário de Bitita
de Carolina Maria
de Jesus

The Function of Literary Creation as a Theme in *O Cemitério dos Vivos* by Lima Barreto and *Diário Bitita* by Carolina Maria de Jesus

Raul Almeida dos Santos¹

Universidade Federal de São Carlos – UFSCar

DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2021.180544>

¹ Graduando em Letras – Espanhol pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). E-mail: r.raulalmeida@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2580-3737>.

Resumo

O artigo tem como objetivo investigar a presença da criação literária como tema nas obras *O cemitério dos vivos* (1919), de Lima Barreto, e *Diário de Bitita* (1986), de Carolina Maria de Jesus. Parte-se de maneira panorâmica das representações predominantes de personagens negras na historiografia literária brasileira como ausentes de subjetividade (NASCIMENTO, 2015) e das reflexões mobilizadas pelos autores a respeito da criação literária e o papel que exercem nas obras, que, para além de construir uma relação específica e legítima entre indivíduo e arte, se comportam como críticas à constituição da instituição literária e atuam como reivindicatórias desse espaço. Dessa maneira, buscamos compreender os cruzamentos existentes e entender os procedimentos estéticos de cada texto.

Palavras-chave

Representação. Criação literária. Literatura negro-brasileira. Lima Barreto. Carolina Maria de Jesus.

Abstract

This paper aims to investigate the presence of literary creation as a theme in the works *O cemitério dos vivos* (1919), by Lima Barreto and *Diário de Bitita* (1986), by Carolina Maria de Jesus. The paper begins with a panoramic view of the predominant representations of black characters in Brazilian literary historiography as devoid of subjectivity (NASCIMENTO, 2015), and analyzes the reflections mobilized by the authors regarding literary creation and the role it plays in these works, which, besides building a specific and legitimate relationship between art and the human being, behaves as a criticism of the literary intuition's constitution and acts as a demand for this space. In this way, we seek to understand the existing interceptions and the aesthetic procedures of each text.

Keywords

Representation. Literary Creation. Afro-brazilian literature. Lima Barreto. Carolina Maria de Jesus.

considerações iniciais acerca da representação da personagem negra na literatura brasileira

Ao pensarmos sobre a presença da personagem negra na historiografia literária brasileira, ocorre um cruzamento com a questão da escravidão no Brasil, seja como tema ou como sistema que influenciou diretamente as representações literárias. No entanto é pertinente ponderar como foram construídas tais representações, dado o contexto violentamente imposto pelo sistema escravocrata. Se, por um lado, ajudam a entender o projeto de nação em construção e os aspectos sociais, políticos e culturais que engendraram o país em suas épocas; por outro, são notadas abordagens que não ultrapassam a condição de escravizado, excluindo suas subjetividades como indivíduos.

Para a historiadora Beatriz Nascimento (2015), essas representações, com raras exceções, foram produzidas por grupos socialmente dominantes, e, portanto, quanto à representação do negro no campo literário, verifica-se que sua presença aparece predominantemente como efeito das contradições sociais do país, com sua individualidade pouco representada e tematizada:

O importante é verificar que o negro não fala nessa literatura [produzida pelo grupo dominante] de seus anseios mais íntimos enquanto homem, da sua visão de mundo verdadeira, das diversas gamas de sua psicologia, enquanto um discriminado ou despossuído, assim como em decorrência da dinâmica política mais ampla frente a esse estado de coisas [...] Essa literatura está atrelada a um modelo histórico do negro no qual seu grito dói sufocado pela avalanche de contradições de uma sociedade e cultura brasileiras, que por terem sido produzidas fortemente pelo grupo ainda como escravo, às vezes funciona como impedimento de sua própria busca de emancipação e modernização. (NASCIMENTO, 2015, p. 109)

O grito sufocado que sai das contradições da sociedade brasileira está situado sobretudo em representações literárias no período de produção oitocentista – momento da consolidação da literatura brasileira². A relação estabelecida entre a literatura e a representação da personagem negra, nesse momento, revela os costumes e ideologias burguesas praticadas em território nacional. Tal atitude revela uma disparidade entre essas aspirações e a realidade do país, como ensinou Roberto Schwarz, retomando as palavras de Sérgio Buarque de Holanda (1995, p. 31), que afirmou que “somos ainda hoje uns desterrados em nossa terra”, ao apontar a insistência de uma postura hipócrita que emprega “ideias fora de lugar” – como antecipado no título de seu célebre ensaio. Tal impropriedade também é notada na produção literária:

Essa impropriedade de nosso pensamento, que não é acaso, como se verá, foi de fato uma presença assídua, atravessando e

² Compreende-se a consolidação da literatura brasileira a partir do modelo de configuração do sistema literário elaborado por Antonio Candido em *Formação da Literatura Brasileira*.

desequilibrando, até no detalhe, a vida ideológica do Segundo Reinado. Frequentemente inflada, ou rasteira, ridícula, ou crua, e só raramente justa no tom, a prosa literária do tempo é uma das muitas testemunhas disso (SCHWARZ, 1973. p. 2).

Como testemunha dessa época, a literatura serviu de alicerce na invenção de um Brasil que buscou fixar símbolos e construir um imaginário coletivo, tendo a arte ocupado papel fundamental para a criação da imagem nacional. O problema é que soa postiça, descompassada politicamente com o liberalismo europeu, por meio de uma construção ideológica que ausentava a realidade do escravismo. Desse modo, cabe questionarmos em relação à prosa literária, que lugar coube à representação das personagens negras nessas obras? Trata-se de uma questão ampla e que exige um estudo detalhado, no qual não cabe apontar as especificidades presentes nestas representações, mas sim, sublinhar o espaço vazio que se encontra, como aponta Jean Marcel França:

Apesar de compor uma longa parcela da população colonial, os africanos [...] não mereceram durante os três primeiros séculos que sucederam ao descobrimento, quase nenhuma atenção dos nossos homens de letras. Pode-se dizer, no entanto, que muito ou pouco, nossos escritores não se deixaram de a ele se referir. (1998, p. 8)

Dado o espaço tímido que coube à personagem negra, Domício Proença Filho (2004), que estudou com afinco o percurso da personagem negra na literatura brasileira, elabora importantes reflexões ao notar que essas representações se comportam como objeto ou como sujeito. Sendo objeto, tem-se o caso de uma visão distanciada, de uma tentativa em representar o “Outro”, caracterizada por uma estereotipia que, para o autor, é “explícita ou velada” (2004, p. 193). E quando aparece como sujeito, relaciona-se a uma “atitude compromissada” (2004, p. 194), marcada como a tomada do próprio discurso.

Importante apontar os momentos históricos referidos quando o autor denomina tais representações como objeto ou como sujeito. A primeira, sobretudo, se refere ao período de produção romântica no Brasil, chegando até as produções modernistas e pós-modernistas. Não se trata de generalizações, mas sim de predominâncias, quando estabelece a relação entre a literatura e as personagens negras nessa época. Consoante o pensamento de Beatriz Nascimento, Mário Augusto Medeiros da Silva também indica que há maiormente uma representação da personagem negra atrelada ao sistema da escravidão do que acerca das subjetividades.

Destarte, a história literária do negro no Brasil está associada intimamente à formação social que o trouxe a este país: a escravidão. Contudo, como ressaltam alguns autores, nos primeiros momentos da História Literária Brasileira, o que é menos importante enquanto um tema do negro é o sujeito social

escravo. O que se sobressai é o sistema social que o conforma, servindo aquela literatura como uma ferramenta. (SILVA, 2011, p. 21)

Por outro lado, no que tange à representação como sujeito, surge um movimento que se refere à tomada do próprio discurso. Proença Filho percorre a literatura de Luís Gama, Lino Guedes e Lima Barreto como exemplos em que se notam um tratamento literário em torno da subjetividade da personagem negra. A partir dos anos de 1930 e 1940, com a ascensão de publicações, instituições e movimentos preocupados com a causa da população negra no Brasil, nota-se uma maior presença de publicações que pensam a questão racial (PROENÇA FILHO, 2004, p. 176), tendo como destaques na poesia os nomes de Carlos Assumpção, Cuti, Geni Guimarães e Solano Trindade, com produções predominantes nos anos de 1970, e na prosa com João Felício e Carolina Maria de Jesus nos anos de 1960.

Neste artigo tomaremos como objeto de investigação duas obras que ajudam a entender o que Proença Filho denominou como “negro como sujeito” e “atitude compromissada”, elegendo como foco *O cemitério dos vivos* (1919), de Lima Barreto, e *Diário de Bitita* (1986), de Carolina Maria de Jesus. Tais expressões do teórico se contrapõem a uma predominância de representação acerca da personagem negra na historiografia literária brasileira, sendo ambas narrativas exemplos de obras que incorporam, de uma forma ou de outra, a criação literária como tema. Sendo obras de autoria negra, autorreferenciais e que pensam a escrita e a literatura através da elaboração ficcional, buscamos compreender os cruzamentos existentes e entender os procedimentos estéticos específicos de cada texto.

ficção e realidade: possíveis dilemas

O cemitério dos vivos foi baseado nos diários escritos por Lima Barreto durante o período em que esteve internado no Hospital de Alienados no Rio de Janeiro pela segunda vez, entre os dias 25 de dezembro de 1919 e 2 de fevereiro de 1920. Posteriormente, o primeiro capítulo foi publicado na Revista *Souza Cruz* em janeiro de 1921; no entanto, a obra ficou inacabada, pois o autor faleceu em novembro de 1922. Os diários foram publicados apenas em 1956 por seu biógrafo Francisco de Assis Barbosa, que resgatou boa parte da obra do escritor. Sob o título de *Diário íntimo* e *Diário do hospício*, foram publicados juntamente com o romance em um mesmo volume, configurando assim em edições posteriores.

O romance narra a experiência manicomial do narrador-protagonista Vicente Mascarenhas. Dividido em cinco capítulos, a primeira parte da narrativa se inicia com a morte da esposa Efigênia. Tal eventualidade desencadeia a lembrança das primeiras interações que tiveram na pensão da sogra até a internação por alcoolismo no hospício. A lacuna deixada, por tratar-se de uma obra inconclusa, somada a uma leitura que estimulada pelo trabalho de edição conjunta com o *Diário do Hospício*, amplia as possibilidades do teor testemunhal. Antonio Arnoni Prado (1989, p. 3) confere que a literatura de Lima Barreto “é um exercício de consciência

histórica que conta com a vantagem, como poucas vezes noutra escritor brasileiro, de um difícil testemunho: constatar como a vida, e nesta a opressão e o fracasso, se converte em literatura”.

O tom confessional também aparece em *Diário de Bitita* de Carolina Maria de Jesus. A obra percorre o período da infância até a vida adulta da narradora Bitita, narrando as dificuldades familiares para sobreviverem. A referência à vida da autora nesse caso é direta, como se observa no capítulo “A escola” num diálogo entre a professora e Bitita:

- A senhora está ficando mocinha, tem que aprender a ler e escrever, e não vai ter tempo disponível para mamar porque necessita preparar as lições. Eu gosto de ser obedecida. Está ouvindo-me, dona Carolina Maria de Jesus!
- Fiquei furiosa e respondi com insolência:
- O meu nome é Bitita.
- O teu nome é Carolina Maria de Jesus. (JESUS, 2014, p. 127).

Ambos os autores, ao longo de suas trajetórias, foram marcados por análises de suas obras que se limitava a etiquetar suas produções como biográficas. Em relação a essa recepção crítica da obra barretiana, Kurz (2020, p. 113) aponta que “são sintomas de décadas de leituras insuficientes”, que sobressai uma análise pelo viés biográfico. Partindo dessa ótica, tais análises enxergam a possível presença do biográfico como um empecilho para a elaboração artística e de maneira semelhante opera na recepção da obra de Carolina Maria de Jesus. Tais perspectivas são problematizáveis por ao menos dois pontos: (i) por tratar-se de uma leitura cristalizada da presença do personalismo sobre as obras dos autores e (ii) por analisar tal aspecto como um desvio. Ao tentar delimitar fronteiras entre o que é literário e o que não é, fica-se diante de um percurso tortuoso e complexo que, neste caso, apoia-se principalmente em bases valorativas e, portanto, questionáveis.

Quando Antonio Candido, no ensaio “Poesia e ficção na autobiografia” (1987), pensou a respeito das obras *Boitempo* (1968) e *Menino antigo* (1973), de Carlos Drummond de Andrade, *A idade do serrote* (1968), de Murilo Mendes, *Bau de ossos* (1972) e *Balão cativo* (1973), de Pedro Nava, o crítico ensinou que, para além da compreensão das diferenças estruturais e temáticas que as obras possuem, existe um substrato comum entre os conceitos derrapantes de realidade e de ficção:

Isto mostra que, apesar das diferenças, eles têm um substrato comum, que permite lê-los reversivelmente como recordação ou como invenção, como documento da memória ou como obra criativa, numa espécie de dupla leitura, ou leitura ‘de dupla entrada’, cuja força, todavia, provém de ser ela simultânea, não alternativa. (CANDIDO, 1987, p. 54).

Essa “dupla leitura” que comenta Candido acende uma discussão do cruzamento entre ficção e realidade. Isto posto, é importante brevemente discutir o

conceito de “autobiografia”, de Philippe Lejeune (2008), que conceitua o termo “pacto autobiográfico” quando ocorre a relação de semelhança entre autor, narrador e personagem, e também a define como “narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade” (2008, p. 14).

Os conceitos propostos pelo autor são cabíveis de problematizações. Como aponta Velasco (2015, p. 6), “a dicotomia realidade/ficção na literatura sugere convencionalmente a possibilidade de apreensão do ‘real’, da ‘verdade em si’, por meio de uma narrativa”, o que faz criar uma oposição a uma possível escrita ficcionalizada. Quando Leonor Arfuch revisita criticamente a obra de Lejeune, as possibilidades de leitura sobre a questão autobiográfica são ampliadas ao conceituar como “espaço biográfico” a “confluência de múltiplas formas, gêneros e horizontes de expectativas” (ARFUCH, 2010, p. 58), comportando-se mais proximamente dessa maneira nas formas usadas por Lima Barreto e Carolina Maria de Jesus.

Como as duas obras se autorreferem de maneiras específicas, interessa-nos compreender os mecanismos utilizados nessas construções. No entanto é de suma importância realçar que não se trata de um simples processo de transposição. Os procedimentos de escrita dos autores são legítimos e complexos, partindo de intenções estabelecidas. Assim, busca-se nas obras, dentre outros aspectos, a compreensão da ficção como espaço de inscrição do próprio discurso, e, nesse lugar da tomada de voz, a presença da elaboração literária surge como um dos temas centrais nas narrativas, levando-nos a pensar em como se estabelecem tais relações.

“a dor de escrever” em o cemitério dos vivos

O cemitério dos vivos é romance que narra a construção de um romance e tal aspecto não deve ser sobreposto. Não por ventura, o primeiro capítulo inicia-se com a lembrança do narrador acerca das últimas palavras mencionadas pela esposa: “Quando minha mulher morreu, as últimas palavras que dela ouvi, foram estas, ditas em voz cava e sumida: — Vicente, você deve desenvolver aquela história da rapariga, num livro” (BARRETO, 2017, p. 117). A mesma lembrança aparecerá em outros momentos do romance, o que nos leva a notar que os dois temas predominantes na narração de Vicente, que são a experiência no manicômio e os desdobramentos da relação com Efigênia, caminham ao lado da produção intelectual desse pacato funcionário público. A escrita dos primeiros textos surge a partir da influência da esposa:

De há muito eu percebia, mas minha toleima infantil não queria dar o braço a torcer, confessá-la. A convivência com a moça tirou-me afinal desse empacamento de muar letrado. Deu-se um incidente, por aí, que muita influência teve ao depois no desenvolvimento da minha existência: comecei a escrever. (BARRETO, 2017, p. 133).

Tal lembrança situa-se numa temporalidade em que era incipiente a inserção de Vicente no âmbito das letras, dada concomitantemente à publicação dos primeiros textos em revistas. Nesse momento, tem-se um narrador tomado por uma melancolia e que relembra os feitos que foram pulverizados durante os anos, advindo os inúmeros problemas enfrentados após o falecimento da esposa e que se expandem com a realidade de “um filho fatalmente analfabeto, uma sogra louca [...] fama de bêbedo, tolerado na repartição que me aborrecia, pobre, eu vi a vida fechada” (BARRETO, 2017, p. 161).

Apresentando inúmeras inseguranças e receios no que diz respeito à produção literária, as preocupações de Vicente Mascarenhas derivam da consciência que possui acerca do papel social que ocupa enquanto um homem pobre, negro, não acadêmico e crítico das ideias de literatura e de arte que estavam em voga. Isso se mostra na corporalidade do texto, quando reflete sobre a obra que elaborava, mas alega um distanciamento com o gênero romance tal como foi estabelecido:

Mas o romance, como a canônica literária do Rio ou do Brasil tinha estabelecido, não me parecia próprio. Seria obra muito fria, teria de tratar de um caso amoroso, ou haver nele alguma coisa de parecido com isso. Eu tinha um grande pudor de tratar de amor. Parecia-me ridículo ter esse sentimento e ainda mais ridículo analisá-lo ou tratá-lo em livro. Todo o amor, parecia isto a mim, me humilhava, e não queria o fato de descrever um qualquer encontrasse em mim prova de fraqueza e rebaixamento de mim mesmo. (BARRETO, 2017, p. 156).

A escolha inicial de um gênero para desenvolver torna-se um ponto crítico para o narrador, frisando que, pelo olhar da “canônica literária”, fixou-se uma ideia de literatura da qual não compartilhava. Como notado por Nicolau Sevcenko, a crítica à Belle Époque é presente na obra barretiana, posicionando-se contrária a essa ideologia que buscava uniformizar modos de ser e estar a partir de influências francesas:

A homogeneização das consciências pelo padrão burguês universal da Belle Époque deu o remate final do processo de estiolamento da literatura a que assistia então [...] A literatura se tornou um espaço cultural facilmente identificável por um repertório limite de clichês que só mudam na ordem e no arranjo com que aparecem. (SEVCENKO, 2003, p.123).

Em *O cemitério dos vivos*, a crítica ao espaço dado à literatura se configura de forma específica em comparação às outras obras escritor.³ Do ponto de vista de

³ Como exemplo podemos citar a obra *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* (1909), que, entre outros assuntos, tece severas críticas à sociedade letrada e ao jornalismo carioca.

seu projeto literário, não somente as escolhas temáticas e estruturais estabelecidas na elaboração do romance opõem-se às normas vigentes, como, por exemplo, a busca por um texto inteligível, de linguagem objetiva, interessada em criticar as disparidades sociais e raciais. Como estamos diante de um romance que tematiza a construção de uma obra literária, as escolhas formais adotadas por Vicente Mascarenhas são autoquestionadas; em outras palavras, ocorre um conflito sobre a forma literária como tema do romance.

A escolha de um gênero textual para desenvolver desencadeia problematizações sobre as atuais condições de produção do meio intelectual e literário, e dessa maneira o romance questiona principalmente as condições sociais do autor (Vicente Mascarenhas) durante o período de elaboração. Tomado por constantes inquietações, o espaço reservado para o trabalho intelectual do narrador é permeado por dificuldades, ora individuais, ligadas a problemas matrimoniais e domésticos, ora sociais, dada sua visão crítica sobre o cenário cultural. As adversidades apontam um estado de pessimismo frente ao desenvolvimento do livro:

Tive ocasião de verificar isto nos transe de vida por que vim a passar. Escrevia meu livro, mas não com seguimento e vontade. Interrompia, ora por uma coisa, ora por outra. Continuava a escrever nas minhas revistecas, para ganhar dinheiro e mesmo por gosto; mas via bem que elas não me dariam o que sonhava e estavam abaixo dos meus propósitos e da minha instrução. (BARRETO, 2017, p. 158).

Por entre os sonhos e as interrupções, reside “a dor de escrever”, palavras ditas por Lima Barreto em carta a Mário Galvão em 1905, passagem que foi recuperada por Antonio Arnoni Prado ao refletir sobre as tensões enfrentadas pelo autor a respeito do papel do intelectual, função que exigiu assumir as consequências da fuga aos modelos consagrados:

A verdade é que, se nesse instante o ato de escrever só tem sentido na medida em que fugir à reprodução dos modelos consagrados, para o jovem escritor que surgia o compromisso moral da recusa impõe quebrar o silêncio e assumir conscientemente os riscos e sofrimentos de quem está decidido a buscar a saída. Tanto assim que numa carta de novembro de 1905, endereçada a Mário Galvão, aludirá pela primeira vez ao medo de vir a falhar e ao pressentimento de que não seria capaz de mostrar-se à altura desse mergulho no turbilhão que fazia aumentar ‘a dor de escrever, essa tortura que o papel virgem põe na alma’ dos deserdados que, como ele, se atreviam a acercar-se do ofício das letras. (PRADO, 1989, p. 19).

Assumir os riscos dessa escrita é marcar o posicionamento intelectual e o compromisso com o povo, no sentido de buscar a verdade. Entender o sentimento que Lima Barreto emprega para o ofício da escrita nada mais é do que compreender a plena consciência histórica de sua produção literária. Vicente Mascarenhas, em *O cemitério dos vivos*, talvez seja uma das expressões mais evidentes da “dor de escrever”, não apenas pelo percurso literário do autor, mas a partir da personagem que se vê numa eterna tensão entre a vida intelectual e a matrimonial, por entre as decisões passadas que afetam diretamente o processo de escrita e por experiências como a da internação que refletem os espaços que não lhe couberam ou foram dificultados. E a negação não se refere somente ao indivíduo Vicente, mas principalmente à literatura que produz. Isso se evidencia, na passagem do capítulo II em que, mesmo depois de publicada a primeira obra, os percalços abafam tal alegria:

Ela [a esposa] convenceu-me que devia pedir emprestado o dinheiro necessário sobre os meus vencimentos. Assim fiz, e o livro ia em meio da composição, quando ela adoeceu gravemente. O meu consolo era o meu livro. A crítica assinada, a responsável, honrou-o muito, particulares insuspeitos gabaram-no à queimadura. Ele era cochichado, e eu pressentia no ar a emoção e a surpresa que tinha causado. Devia alegrar-me, mas a alegria que me podia causar era abafada pelas minhas dificuldades de dinheiro e pela doença de minha sogra. (BARRETO, 2017, p. 159).

Desse modo, *O cemitério dos vivos* atua como um romance que narra a dificuldade em escrever, exemplificada pelos problemas de diferentes ordens enfrentados por Vicente Mascarenhas. Parte de um “pessimismo em relação à produção literária autenticamente nacional” (PRADO, 1989, p. 25) e da repulsa ao elitismo presente nas letras, e, nesse sentido, a obra funciona como um espaço em que se reflete sobre o sistema literário e a cultura de maneira ampla. O narrador também se mostra angustiado por decisões pessoais, que se referem sobretudo ao ambiente matrimonial e aos desdobramentos que lhe impedem a plenitude. Tanto um quanto outro apontam para a mesma direção da reflexão que o protagonista problematiza sobre o labor literário: a impossibilidade de se inserir num espaço intelectual que é construído e consolidado a partir de estruturas excludentes.

a literatura como destino em *diário de bitita*

“Eu ia intelectualizando-me, compreendendo que uma pessoa ilustrada sabe suportar os amarumes da vida” (JESUS, 2014, p. 179). O trecho, encontrado na obra *Diário de Bitita*, potencializa uma constante na vida de Carolina Maria de Jesus: o apreço pelo conhecimento. Mesmo inserida em um ambiente hostil e marcada por

inúmeras dificuldades, o apreço pela palavra e pela literatura movem a narrativa e se comportam como uma fuga, ao mesmo tempo que se apresentam como destino.

Organizado cronologicamente em 22 capítulos, *Diário de Bitita* acompanha a narradora Bitita da infância na cidade de Sacramento, em Minas Gerais, até a vida adulta em São Paulo. Pouco se falou a respeito da obra na época da publicação no Brasil em 1986 e, nos anos seguintes, tanto na imprensa nacional quanto na pesquisa acadêmica. *Diário de Bitita* e as demais obras da autora foram minimizadas diante de *Quarto de Despejo*: diário de uma favelada. No entanto, Carolina Maria de Jesus entendia-se e afirmava-se como poeta. Como aponta Fernanda Rodrigues de Miranda (2013, p. 43), “ser poeta, do ponto de vista da autora, era – para além de escrever poemas – vocação, convicção, munição e destino”.

A autora nunca se conformou com a vida na favela e não se identificava com os outros moradores. Por entender aquele lugar como algo que não era para si, sua literatura constantemente se direciona à reafirmação do destino como escritora, através da elaboração de passagens do período da infância que demarcam tal “vocação”. Não apenas por estabelecer uma contraposição entre ela e o grupo social no qual esteve inserida durante boa parte de sua trajetória, a literatura como destino aparece também para validar sua obra diante de uma visão malquista de boa parte da crítica literária e cultural que recebeu sua obra. Nesse sentido, para Daniel Moreira (2009, p. 65), “o *Diário* se constitui como seu mais bem acabado exercício de arquivamento, sendo capaz de alterar toda a dinâmica de leitura de suas outras obras, dando ao conjunto uma feição bem mais próxima à de um projeto memorialístico bem articulado”.

Nessa articulação, encontra-se, dentre outros temas, a presença da ideia da literatura como destino; o ato da leitura e, principalmente, da escrita é um traço marcante no livro. Por se situar no tempo da infância da personagem Bitita, a narrativa constrói uma propensão da narradora para as atividades intelectuais e criativas desde os primeiros anos de vida. Sempre hostilizada pelos questionamentos feitos, não são poucas as passagens em que os vizinhos ou os próprios parentes sugerem a violência para “consertar” o comportamento de Bitita, que, na opinião deles, destoava do comportamento das demais crianças. A mãe, Dona Cota, no primeiro capítulo, “Infância”, justifica: “O Senhor Eurípedes Barsanulfo disse-me que ela é poetisa!” (JESUS, 2014, p. 18). É dessa forma que se encerra o capítulo, e não parece ser por acaso que, ao retomar a ilustre figura do diretor do colégio em que estudara, Bitita, através das palavras do diretor, explicita seu potencial poético. E o destino como escritora é justificado a partir das constantes perguntas, assim como o gosto pelo questionamento e pelo distanciamento em relação às outras crianças. Esse movimento, para Miranda, trata-se da construção de uma gênese que a autora faz de si mesma através da elaboração ficcional:

O exercício ficcional, utilizado para construir as memórias de infância, revela o engenho da escritora em sua busca por construir uma gênese, um mito de origem para si mesma, origem que é a escrita. Nós, leitores, passamos a entender que este desejo

por tornar-se escritora é tão elementar para sua constituição subjetiva que Carolina constrói a origem da sua relação com a palavra escrita como algo próprio da sua natureza desde a mais tenra infância. (MIRANDA, 2017, p. 130).

Em outras passagens, a relação que Bitita possui com palavra é compreendida pelas personagens como justificativa do comportamento penoso que possui. No capítulo “A família”, numa ocasião em que siá Maruca, esposa do avô de Bitita, irritada com os choros e as inquietações da menina, acaba lhe servindo pinga na tentativa de apaziguar, o que acarreta numa ida ao hospital. O médico, ao consultar Bitita, declara para a mãe:

Ele disse-lhe que o meu crânio não tinha espaço suficiente para alojar os miolos, que ficavam comprimidos, e eu sentia dor de cabeça. Explicou-lhe que até aos vinte e um anos eu ia viver como se estivesse sonhando, que a minha vida ia ser atabalhoada. Ela vai adorar tudo que é belo! A tua filha é poetisa; pobre Sacramento, do teu seio sai uma poetisa. E sorriu. (JESUS, 2014, p. 74).

Nesse momento, tem-se a construção mais pungente da ideia de literatura como o inevitável destino de Bitita, criando um lineamento narrativo, que, por essa razão, distancia-a do espaço em que está inserida e das pessoas com quem se relaciona. Não somente o destino como poeta afirma seu comportamento questionador, mas também o gosto pela leitura:

Por intermédio dos livros, eu ia tomando conhecimento das guerras que houve no Brasil, a guerra dos Farrapos, a guerra do Paraguai. Condenava essa forma brutal e desumana que o homem encontra para solucionar os seus problemas. (JESUS, 2014, p. 179).

Será através da leitura que Bitita compreenderá as contradições sociais do país, o que acarreta uma narração marcada por um posicionamento político que se fundamenta a partir das leituras que realiza. Além de eventualmente citar os autores que lia, é mais importante destacar as citações de intelectuais que discutiam acerca das liberdades individuais e que, de uma forma ou de outra, estavam envolvidos no pensamento e na articulação do abolicionismo, como, por exemplo, Henrique Dias, Luís Gama e Tiradentes (BERGAMINI, 2020, p. 3).

Por muitas vezes, a experiência marginal da autora foi sobreposta nas leituras e na recepção de suas obras, no entanto é necessário que ocorra um equilíbrio, deixando de lado possíveis polaridades e mirando para a diversidade e potência da literatura de Carolina Maria de Jesus. A presença biográfica perpassa toda a obra e é importante para entender *Diário de Bitita*, como a construção de um projeto memorialístico a fim de resgatar e de redefinir a imagem da escritora no

cenário cultural (MOREIRA, 2009, p. 65). Também, ao nos defrontarmos com os mecanismos da composição textual, compreendemos que se trata de procedimentos complexos, mobilizados por processos criativos específicos, sendo a presença do destino como poeta um dos temas que a autora utiliza para compor essa tecedura que reivindica a legitimidade de sua produção literária.

considerações finais

Neste artigo, buscamos compreender a função que a presença da criação literária apresenta em obras autobiográficas e de autoria negra, de modo a traçar uma genealogia de temas comumente retratados. Num primeiro momento, fez-se necessário pensar a historiografia literária brasileira para compreendermos os espaços vazios e posições dados a determinadas representações de grupos historicamente e socialmente marginalizados. As obras de Lima Barreto e Carolina Maria de Jesus vão na direção da “tomada de voz” conceituada por Proença Filho, apresentando narrativas em que se tem a personagem negra como ativa do discurso, sendo a presença temática da criação literária um dos fatores que marcam a subjetividade a partir das relações estabelecidas entre indivíduo, arte e identidade. Tanto em *O cemitério dos vivos* quanto em *Diário de Bitita*, a discussão sobre o papel que a leitura e o ato da escrita ocupam nas obras, ecoam de espaços que lhes foram negados, e, pode-se notar que a presença da temática da criação literária atua como crítica e reivindicatória nos textos.

Como crítica, mais predominante em Lima Barreto, que narra a construção de um romance, através de uma narrativa que tece críticas ao gênero textual da maneira em que se estabeleceu e as dificuldades de se inserir e permanecer no espaço cultural brasileiro. Em Carolina Maria de Jesus, a criação literária aparece como “gênese” a fim de estabelecer e de fixar o lugar de escritora, e, através da personagem Bitita, constrói a reivindicação e a afirmação da sua escrita como legítima. Esse movimento se direciona ao pensamento de Grada Kilomba (2019, p. 21) quando pensa a criação literária e artística, e aqui, se refere à produção de grupos historicamente objetificados, como potências que podem interromper, apropriar e transformar uma lógica hegemônica da história.

Desse modo, as obras estabelecem poéticas em que a criação literária ocupa espaço central no texto, propondo não somente uma reflexão sobre a importância que possuem para Vicente Mascarenhas e Bitita, mas, principalmente, ajudam a compreender as dinâmicas sociais e culturais do Brasil em tão largas contradições na primeira metade do século XX a partir da relação que estabelecem com a literatura. Resultam como expressões de intelectuais que pensaram suas respectivas épocas, além de proporem uma mirada crítica aos meandros da literatura como instituição e, assim, permitem revisar quais lugares as manifestações de grupos marginalizados ocuparam.

referências bibliográficas

- ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.
- BARRETO, Lima. *Diário do hospício & O cemitério dos vivos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- BERGAMINI, Atilio. Dar forma ao impublicável: Carolina Maria de Jesus e sua arte. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, n. 59, pp. 1-13, 2020.
- CANDIDO, Antonio. Poesia e ficção na autobiografia. In: CANDIDO, Antonio. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1987. pp. 51-71.
- SILVA, Mario Augusto Medeiros da. *A descoberta do insólito: literatura negra e literatura periférica no Brasil (1960-2000)*. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2011.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. *Imagens do Negro na Literatura Brasileira (1584-1890)*. São Paulo: Brasiliense, 1998.
- JESUS, Carolina Maria de. *Diário de Bitita*. São Paulo: SESI-SP, 2014.
- KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019.
- KURZ, Giovani T. Ler os manuscritos de Lima Barreto. *Manuscrita – Revista de Crítica Genética*, n. 40, pp. 112-123, 2020.
- LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet*. Tradução de Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- MIRANDA, Fernanda Rodrigues de. *Os caminhos literários de Carolina Maria de Jesus: experiência marginal e construção estética*. 2013. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.
- MIRANDA, Fernanda Rodrigues de. Carolina Maria de Jesus: a morada da palavra. *Grau Zero*, v. 3, n. 1, p. 117-136, 2017.
- MOREIRA, Daniel da Silva. Reconstruir-se em texto: práticas de arquivamento e resistência no Diário de Bitita, de Carolina Maria de Jesus. *Revista Estação Literária*, Londrina, v. 3, p. 64-73, 2009.
- NASCIMENTO, Beatriz. Literatura e identidade. In: RATTIS, Alex; GOMES, Bethania (Orgs). *Todas (as) distâncias: poemas, aforismos e ensaios de Beatriz Nascimento*. Salvador: Editora Ogum's, 2015.

PRADO, Antonio Arnoni. *Lima Barreto: O crítico e a crise*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

PROENÇA FILHO, Domício. A trajetória do negro na literatura brasileira. *Estudos avançados*, São Paulo, v. 18, n. 50, p. 161-193, 2004.

SCHWARZ, Roberto. As ideias fora do lugar. *Estudos Cebrap*, São Paulo, n. 3, 1973.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo, Companhia das Letras. 2003.

VELASCO, Tiago Monteiro. Escritas de si contemporâneas: uma discussão conceitual. In: ABRALIC – XIV Congresso Internacional–Fluxos e correntes: trânsitos e traduções literárias, 2015. Anais... Belém: Universidade Federal do Pará, pp. 1-12.